

Fundamentalismo ou libertação nacional

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Website, 21.08.06

A “guerra ao terrorismo” que o Presidente Bush declarou em 2001 é a forma através da qual os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e Israel exercem supremacia sobre os países muçulmanos do Oriente-Médio. Os motivos podem variar: o petróleo aparece sempre em primeiro lugar; para os Estados Unidos existe um problema de *hubris* nacional; para Israel, um problema de segurança. A justificativa, porém, não apresenta novidade. Da mesma forma que os colonizadores europeus conquistaram os povos da América em nome do cristianismo, agora a conquista é realizada contra o terrorismo fundamentalista em nome da democracia. Nesse quadro, as potências envolvidas têm interesse em definir o como fundamentalista islâmico o terrorismo, embora este seja um fenômeno complexo e contraditório. Dessa forma o problema é reduzido a uma “guerra de civilizações” – ou à luta do bem contra o mal, que tudo justifica.

Na verdade, os movimentos islâmicos são essencialmente movimentos políticos nacionalistas empenhados na luta para dotar as respectivas nações de um Estado que lhe sirva de instrumento de ação coletiva. A religião está fortemente presente, mas é a arma ideológica usada na sua luta pela soberania nacional. Não há novidade nessa prática. A primeira nação moderna, a Inglaterra, fundou uma igreja – a Igreja da Inglaterra, que até hoje é a religião oficial da Grã-Bretanha – para afirmar a sua própria independência em relação ao papado e mais amplamente ao continente europeu. Na falta de outra, o terrorismo é a arma de libertação nacional utilizada. Pesquisa de Robert Pape, da Universidade de Chicago, que estudou 375 casos de ataques suicida, comprovou que em 95% a motivação era nacionalista, ficando os restantes 5% para a motivação religiosa (entrevista a *Folha*, 13.6.06).

A luta pela libertação nacional será tanto mais dura quanto mais perniciososa for a dominação estrangeira. No Oriente-Médio ela tem sido profundamente destruturadora do tecido social nacional. Antes de serem submetidas, essas sociedades possuíam instituições, ainda que precárias. A dominação externa as destrói, implanta um sistema generalizado de corrupção, restabelece o tráfico de drogas e, no limite, abre espaço para a ação de ‘senhores de guerra’ (*war lords*). Foi o que aconteceu no Irão quando o imperialismo lhe impôs um xá; foi o vimos recentemente no Afeganistão e na Somália.

Não é preciso ler publicações de esquerda para saber disto: basta ler *The Economist*. No seu número de 14 de julho, por exemplo, há uma grande reportagem sobre o

Afeganistão. Depois de um período em que a ocupação estrangeira parecia ter êxito, havendo sido capaz de eleger um governo, a situação deteriorou-se nos últimos meses. O Taliban está de volta. Já domina grande parte do Sul do país; financiando-se pela imposição de tributos ao tráfico de drogas que ele próprio condena. Como explicar o poder desse grupo fundamentalista que agora renasce? O fundamento religioso nada explica; não há no Islã nada que leve necessariamente à violência ou à *jihad*. Sempre houve movimentos islâmicos violentos, mas os movimentos cristãos igualmente violentos não lhes ficam nada a dever.

Só a idéia da libertação nacional pode explicar a força do Taliban. Esse grupo sabe que quando uma Nação consegue se dotar de um Estado e de um território, ela terá o instrumento necessário para buscar os objetivos nacionais de ordem e desenvolvimento. A religião muçulmana é o instrumento intermediário que o Taliban usa para transformar o povo afegão em uma nação e dotá-lo de um Estado realmente autônomo. Para isso, a rigidez religiosa é útil. Quando faltam instituições civis, a alternativa sempre foi buscar as religiosas. Os inimigos não são apenas as potências imperiais: são também os colaboradores internos como o atual presidente afegão, cujo governo já está imerso na corrupção e comprometido com os senhores de guerra que vivem do tráfico de drogas. O próprio Taliban se aproveita do tráfico, mas, quando estava no governo, não hesitava em condenar à morte os traficantes. Hoje, sob o domínio democrático das potências imperiais, o tráfico corre solto: a desmoralização nacional é profunda.

A indignação dos povos árabes contra a dominação estrangeira não apenas nos países citados, mas em muitos outros países árabes, é profunda, e, sendo impotente, acaba se manifestando através do terrorismo. Não é, porém, com a “guerra ao terrorismo” que esse fenômeno terrível poderá ser enfrentado, mas com uma revisão radical da forma pela qual os Estados Unidos e a Grã-Bretanha encaram suas relações com os países do Oriente Médio. O nacionalismo árabe só abandonará a violência fundamentalista que hoje o caracteriza se esses dois países compreenderem que não precisam dominar a região para ter acesso ao seu petróleo. E que sua segurança só aumentará com essa mudança.